

OS CLÁSSICOS DA LITERATURA UNIVERSAL NO ENFRENTAMENTO À DETEORIZAÇÃO DO PENSAMENTO

Maria Nazaré Ribon Silva¹, Sérgio Rodrigues de Souza²

¹Licenciada em Letras-Português. Instituto Educacional Athena. Serra - ES, Brasil.
(nazareribonsilva@hotmail.com)

²Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – FICS – Asunción – Paraguai
(srgrodriguesdesouza@gmail.com)

Resumo: Este trabalho visa apresentar como a leitura dos textos da literatura universal, pode tornar as aulas de leitura dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II, mais dinâmicas e desafiadoras de modo a contribuir no combate aos efeitos da deterioração do pensamento. É um artigo teórico-discursivo cujo objetivo é entender como a leitura dos textos da literatura universal pode contribuir no desenvolvimento cognitivo desses alunos. Através do uso da literatura universal trabalhadas nos princípios da transversalidade e na intra e interdisciplinaridade, é possível o resgate da capacidade cognitiva plena dos alunos.

Palavras-chave: Literatura Universal; Tecnologias; Deterioração do Pensamento; Metodologias Ativas; Transversalidade, intra e interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

A análise minuciosa sobre o ato de existir permite que o indivíduo tenha uma visão multifacetada de tudo que o envolve. Seja ela nos campos da objetividade quanto da subjetividade. No campo da objetividade ele percebe tudo o que se passa ao seu redor, e que pertencem a ações, como trabalhar, estudar, cantar, viajar, falar, namorar dentre outras, que permeiam os acontecimentos. Fator que lhe permite fazer escolhas diante da diversidade. Exemplos, escolher uma comida, dentre tantas, na hora da fome, escolher uma música, dentre tantas, para ouvir, na hora de descansar e, assim por diante.

No campo da subjetividade, antes de fazer uma escolha, todos os seus sentimentos, emoções, valores e sensibilidade são acionados, permitindo que a escolha se dê não só para atender a uma necessidade fisiológica, mas também psicológica. Assim, o mundo é lido e percebido tanto de maneira objetiva quanto de maneira subjetiva. Os fatos (objetivos) tanto quanto os imaginários despertam sentimentos que são da ordem da subjetividade.

O corpo objetivo é alimentado por comidas concretas; porém, o mundo subjetivo é alimentado pelo simbolismo e pelo maravilhoso, condições que chegam ao indivíduo, através da linguagem verbal metafórica, científica e não-verbal que são as pinturas, desenhos. Os alimentos do corpo são percebidos e absorvidos pelos órgãos do sentido, a

visão, audição, o paladar, olfato e tato. Mas, os alimentos do mundo interior são imateriais, as Artes, a Literatura, Escultura, Pintura, Arquitetura que também atravessam o homem pelos sentidos e despertam sentimentos como deleite, raiva, amor, medo, através da linguagem simbólica, formas, texturas e cores.

Vale lembrar que, o autor literário se utiliza da palavra para trazer até o leitor os registros e as denúncias sobre o seu mundo externo, através linguagem figurativa, com uma carga muito grande de sentimento e de sensibilidade. Por ter essa característica, o texto literário enreda e encanta o leitor, fornecendo, à medida que ele lê, uma visão particular e subjetiva do mundo real, externo (objetivo) e do interno (fantasioso).

Assim que, neste artigo, busca-se compreender como a literatura pode ser usada como instrumento de ensino, para os alunos do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II. Quais metodologias podem ser aplicadas, de modo a minimizar os efeitos negativos provocados no pensamento, devido uso indiscriminado das redes sociais e, ajudar a promover o desenvolvimento cognitivo.

MATERIAL E MÉTODOS

Para conduzir este estudo, adotou-se uma abordagem metodológica bibliográfica, descritiva (Gil, 2020) como base, a partir de uma revisão sistemática sobre



o tema. Os artigos selecionados foram submetidos a uma análise de conteúdo para examinar sua relevância e adequação aos objetivos do estudo. A exposição e interpretação dos resultados foram realizadas após essa análise. Como forma de ampliar e aprofundar investigação, determinada a atingir os objetivos propostos, adotou-se, como método, uma pesquisa integrativa, que tem como finalidade realizar um estudo analítico. Neste sentido, a investigação integrativa se apresenta como uma ampla abordagem metodológica, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão profunda e determinante dos assuntos analisados (Whittemore & Knafl, 2005).

Este artigo foi produzido a partir da leitura e interpretação de autores clássicos sobre o tema, buscando em artigos científicos e livros, resultados, teorias e práticas que se mostrassem condizentes com as expectativas de desenvolvimento do mesmo. Fundamentou-se, ainda, na práxis pedagógica do autor, que atuam na área, como professor, especialista e pesquisador, desenvolvendo projetos no referido campo de conhecimento.

Como instrumento metodológico foi utilizado a pesquisa bibliográfica, consultando livros e artigos que versam sobre o tema, a fim de tornar mais transparente e ampla a produção. Como métodos de interpretação dos textos consultados foi utilizado a análise bibliográfica sistemática. A metodologia deste estudo baseia-se em análises realizadas em livros e artigos, considerando os principais aspectos e abordagens sobre a temática abordada, aliada à práxis pedagógica do autor.

Este estudo se fundamenta no pensamento de Mikúlskiy (1985), para quem, “a via para o descobrimento dos mecanismos e regularidades do desenvolvimento da ciência, pelo qual entendemos, em primeiro lugar e de maneira principal, a criação de novo conhecimento, não consiste em limitar a investigação em princípio, exclusivamente ao campo do desenvolvimento lógico dos conceitos científicos, para a qual nos convida o internalismo, nem em reduzir a explicação da história da ciência exclusivamente às condições sociais e econômicas, o que infrutuosamente tratam de fazer os externalistas. Este caminho radica na consciência e relação da unidade didática e a interação do conteúdo da ciência e as condições sociais e econômicas, culturais e históricas e os fatores pessoais com a influência determinante da prática histórico-social no desenvolvimento desta interação” (p. 14).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A QUESTÃO DO USO DA LITERATURA UNIVERSAL NAS TURMAS DO 8º E 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II

A literatura é um componente humano, didático e que, através dele, permite aos escritores poderem comunicar suas ideias, visões de mundo e até mesmo contemporaneizar situações e condições fenomenológicas que ainda existem sub-repticiamente nos espaços de convivência social, como mudanças de comportamento, pensamentos que acontecem de maneira sutil, sem provocar conflitos aparentes na sociedade. Ao se tratar neste trabalho, de textos literários ficcionais, há, em seu escopo, a inserção da licença poética, o que permite a construção de todo um enredo de utopia ou de distopia, em que, em muitos casos, anos no futuro, pode vir a assemelhar-se, dando a impressão de que o autor estava fazendo alguma previsão profética com seu texto.

Este espaço de liberdade que o escritor possui para representar a realidade de acordo com sua visão interior de mundo é o que torna a literatura um objeto de trabalho interessante e dinâmico, desde a perspectiva de agregar, no mesmo personagem, a condição de perceber o mundo de forma utópica e distópica sem que isto seja interpretado pelo público leitor como uma aberração. No caso do adolescente, em que os seus mundos já são um amálgama complexo, esta confusão apresentada pela obra literária os encanta, não porque sejam capazes de compreender o texto, em sua categoria semântica existencialista; mas, porque se identificam com a situação em si.

O termo *Literatura* tem origem no termo latim *littera*, que significa *letra* ou *escritos* e, com o tempo, passou a designar conjunto de textos ou obras escritas, referindo-se tanto à forma de expressão artística, quanto ao corpo de obras de um determinado autor, época ou assunto. Faz-se necessário esclarecer que, todos os textos escritos são literários, havendo uma divisão dentro do próprio campo, em que existem, também, os textos que são chamados de não-literários, por causa da interpretação errônea de que somente textos ficcionais podem ser classificados como literatura.

Para se entender melhor essa diferença, vale lembra esse trecho da canção *A Casa*, de Vinícius de Moraes (1913-1980): “Era uma casa muito engraçada, / Não tinha teto, não tinha nada / Ninguém podia entrar nela não / Porque na casa não tinha chão...”. Quando o ouvinte/leitor tem contato com esses versos, é transportado para o mundo imaginário, imagético, onde ficam armazenadas as memórias, os sentimentos, a saudade, dentre outros sentimentos, pois a linguagem usada é a conotativa. Esse tipo de linguagem permite que cada leitor/ouvinte imagine o



que pode ser essa casa, a partir de sua subjetividade. Alguns dizem que pode ser um ovo; outros dizem que é a barriga de uma grávida; enfim, as possibilidades de interpretação vão até onde a imaginação individual permite. Neste tipo de texto usa-se o sentido figurado das palavras, em especial *casa*. Portanto, esse é o trecho de um texto literário.

Os textos literários ficcionais compreendem: novelas, romances, contos, poemas, crônicas e fábulas. Os textos não-literários: informativos, notícias, editais, leis, artigo científicos e de opinião, assim como as cartas pessoais, requerimentos, ofícios, atas, dentre outros. Todos eles reunidos compõem o que se classifica como literatura. Ao contrário da canção de Moraes, na frase ‘Era uma casa construída de tijolos amarelos e marrons e, que ficava sobre uma colina bem verdinha.’ Vários leitores vão desenhá-la com as mesmas cores e sobre a colina. Nesse caso, a palavra casa é usada no sentido real. Seu significado está no dicionário como moradia, choupana, habitação. Isso quer dizer que o sentido da palavra é denotativo. Portanto, esse trecho representa um texto informativo, não-literário e, para além disto, o que se percebe é a possibilidade de mesclar a ficção e realidade, sem que se perca a essência da construção escópica literária.

A questão que norteia este trabalho é, por que usar a literatura nos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e de que forma ela pode ser utilizada para ampliar o potencial cognitivo dos estudantes?

Para tanto, há que considerar que os alunos dos 8º e 9º anos do ensino Fundamental II já estão alfabetizados, ou seja, compreendem como acontece o ato da leitura, nem que seja através da decodificação linguística do texto. Mesmo assim, esse fator implica no processo de ganhar tempo, uma vez que, só se faz necessário enredá-los em situações nas quais o texto literário esteja presente. Nesse caso já que o aluno sabe ler, é de extrema importância que o professor ofereça textos de qualidade, em toda sua extensão, de modo que esses possam contextualizá-los, através de sua linguagem figurada, composta por rimas, ritmos, metáforas etc. além de lhe oferecer uma gama de conhecimentos linguísticos, históricos, geográficos, comportamentais, atitudinais, devido ao princípio multidisciplinar sempre presente na abordagem literária.

O texto literário em si, traz uma abordagem transversal, intra e interdisciplinar dos fatos, mesmo sendo registrados através da linguagem conotativa. Aqui, vale lembrar o livro *O Menino do Pijama Listrado*, de John Boy (1971) que é uma fábula sobre a amizade em tempos de guerra, sobre o que acontece quando a inocência é colocada diante de um monstro terrível e inimaginável.

Ao se adentrar no livro, o leitor adquire a visão de um fato histórico, o Holocausto e a Solução Final contra os judeus, durante a Segunda Guerra Mundial. Enredado por uma narrativa cheia de mistério e questionamentos, sobre a amizade de dois meninos, o leitor é atravessado pelos fatos da vida real. É a curiosidade de Bruno sobre a cerca e as pessoas de pijama listrado que conduz o leitor pelas páginas do livro em busca, também, de respostas. É essa característica da literatura, que permite que sentimentos como curiosidade, medo, satisfação dentre outros, floresçam a partir do mundo interior do leitor. Ao se deparar com duas crianças envolvidas em um mistério, o leitor se desarma e se dispõe a ler o livro até o final. E isso é fundamental para combater o uso de fragmentos de textos literários, desprovidos de sentido, ação considerada, por muitos, como didática e pedagógica no contexto escolar.

Outro livro que aborda a Segunda Guerra Mundial é *A Menina que Roubava Livros*, de Marcus Zusac (1975). Trata-se da história de Liesel, uma garota sobrevivente, que tenta encontrar sentido existencial para sua vida, em meio ao caos, à miséria, à morte e à destruição devido à guerra. Ela tem o seu diário descoberto pela Morte, que narra tudo o que se passa com ela, momentos de ternura, lirismo e cuidados em meio ao terror da guerra. Narra, inclusive, as aventuras dela com o judeu Rudy que ela mantém escondido no porão e a amizade, construída sobre a dor, a miséria e a luta pela sobrevivência, junto com seu padrasto.

Ambos os livros trazem como personagens crianças, que interpretam as suas vidas inocentes, cheias de curiosidades e sentimentos de ternura e amizade sucumbidas pela guerra. Ambos envolvem os sentimentos mais profundos e desesperadores pelos quais um ser humano pode passar e a forma como os enfrentam demonstram alienação em relação ao que, de fato, se passa à sua volta.

Há outro livro chamado *Momo e o Senhor do Tempo*, de Michael End (1929-1995). Nele, Momo, uma garotinha e seus amigos, o sábio Tartaruga chamado Cassiopeia e Beppo, o jardineiro, embarcam em uma aventura contra os homens de cinza, que roubam o tempo que as pessoas poupam. A partir daí, devido à correria, as pessoas se esquecem de serem felizes. Ao perceber a situação, Momo e seus amigos vivem diferentes aventuras e desventuras até conseguirem resolver aquele embate. Assim como os livros anteriores, os personagens emanam inocência, pureza e determinação, fatores que despertam no leitor o sentimento de simpatia e proteção.

Um livro, que também mexe com o âmago da empatia e reciprocidade humanas, é o *Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry (1900-1944). Aqui também, o autor narra uma história de amizade



entre um piloto que caiu no deserto do Saara e um menino vindo de um pequeno asteroide. Durante o tempo em que os dois estiveram no deserto, o Pequeno Príncipe narrou para o piloto de onde ele havia vindo, da rosa sua amiga que havia ficado sozinha, à mercê dos ataques de pulgões. Narrou como foram sobre os fatos ocorridos nos planetas que ele visitou, os tipos de governantes e pessoas que ele encontrou. Nesse ínterim, ele descobriu que é responsável por tudo aquilo que ele conquista. Que a amizade é muito importante nos relacionamentos humanos. Enfim, mais uma vez, um menino, que convida o leitor a mergulhar em sua própria, em seus próprios dilemas.

Nesse mesmo viés, tem-se o livro *O Menino do Dedo Verde*, de Maurice Druon (1918-2009). Um livro que aborda de maneira bem humana a diversidade, voltada para a deficiência intelectual. Ao permitir que o leitor conheça a vida de Tistu, filhos de um fabricante de armas em pequena cidade e, que mora em uma casa onde tudo brilha, o autor revela através de um enredo icônico e sensível a forma como se deu todo o processo de aprendizagem desse personagem tão significativo e sensível às mazelas de seus semelhantes. Todas as aventuras vividas por ele, envolvem o sentimento de empatia e solidariedade para com o outro. Assim, ele usa o seu poder de fazer maravilhas ao afundar seu dedo polegar na terra e, com essa ação trazer alívio para os que estão na prisão, no hospital, nas favelas, pois fazia brotar muitas flores, que aliviavam o sofrimento da população daquele vilarejo e, até interromper as atrocidades da guerra. Aqui também, há uma história de amizade entre o menino e o jardineiro, quem descobriu o seu poder.

Por fim e não menos importante, tem-se o livro *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego (1901-1957), um romance memorialista que retrata o Nordeste, o sertão da Paraíba. Nele, a vida no engenho é apresentada sob a ótica de um menino, que cresce vivenciando tudo que se passa em seu entorno, desde os costumes até o clima sensual, que emanava das escravas. Um menino de doze anos, que registra o cenário após a escravidão, no qual o respeito, o cuidado e a servidão fizeram com que os escravos permanecessem na fazenda. Por ser precoce experiente a vida sexual com a negra Zefa; adquire uma doença sexualmente transmissível (DST) e, devido à situação desagradável que se instalou e, seus impulsos descontrolados, ele foi enviado para um internato, para onde levou todo um legado de vida vivida no campo, entre o engenho, o senhor e os escravos. Aqui se percebe que o livro abre oportunidades interpretativas através das quais o leitor enxerga a vida no engenho, depois do término da escravidão, o clima retratado entre as secas e as enchentes, assim como os problemas de saúde, a

presença da sexualidade precoce, resultando em situações desagradáveis como a presença das DST's, em especial a sífilis.

Aqui, pode-se enumerar tantos outros livros, como *O Jardim Secreto* (Frances Hodgson Burnett); *Romeu e Julieta* (William Shakespeare); *Viagem ao Mundo em Oitenta Dias* (Júlio Verne); *Robson Crusoe* (Daniel Defoe); *As Aventuras de Robin Hood* (Roger Lancelyn Green); *Sherlock Holmes* (Arthur Conan Doyle); *Meu Pé de Laranja Lima* (José Mauro de Vasconcelos), dentre tantos outros.

Vale lembrar que, esses livros são apenas exemplos de como o texto literário traz registros de tempos passados, fazendo alusão a fatos históricos, como as guerras, a escravidão, grandes catástrofes. Lugares em que podem ser cidades, o campo em determinado estado e país. Atitudes, comportamentos, costumes, que retratam os valores. Tudo serve como contexto para o enredo e, ajudam o leitor a se localizar no tempo/espço, enquanto executa a leitura.

Em todos esses casos, é preciso lembrar que, nenhum livro literário tem o compromisso de substituir a realidade e nem a presença do adulto na formação da estrutura psicológica do adolescente. Ele não tem a obrigação nenhuma com o moralismo, regras de comportamento, religiosidade, posturas idôneas. Mas, todos esses textos são permeados por esses sentimentos; levam o leitor a fazer uma análise do tamanho das aberrações cometidas pela humanidade e, passa a defender o diálogo e a convivência pacífica. Cada história lida pode despertar no leitor desde o mais puro de seus sentimentos de empatia, ternura e acolhimento até os mais repugnantes como ódio, asco e apatia; pois, o enredo permite que a leitura vá além da superfície e do entendimento linear e toque no mais profundo da existência e dos sentimentos humanos.

A respeito desta oportunidade aberta para o tempo/espço, Ezequiel Theodoro da Silva faz a seguinte declaração: “Um texto sempre se refere a um determinado contexto, ele é em verdade uma ‘ponte’ ou uma ‘janela’ para determinados aspectos da realidade (...). A leitura de um texto não pode ficar nos limites dela mesma, mas remeter o leitor a percepção, conhecimento e análise da realidade” (Silva, 1998, p. 106). Isso significa que o texto lido não pode ficar restrito às perguntas, ao final do texto. Ele precisa ser discutido, fazendo um paralelo dos fatos da realidade abordado dentro do texto, com os acontecimentos histórico-sociais nos quais o aluno está inserido.

Outra questão essencial é que, ao se trabalhar com a literatura, o professor proporciona o contato com a herança cultural da humanidade, que é a Arte Literária. O contato significativo com a leitura literária sempre foi e é negado aos menos favorecidos



economicamente. Assim, desde muitas décadas, o livro didático é o único tipo de leitura a que a maioria dos estudantes têm acesso, fazendo com que tenham acesso a fragmentos de texto literários nas salas de aula.

A respeito da presença do livro didático o autor supracitado faz o seguinte alerta: “Os textos apresentados aos alunos, inseridos nos livros didáticos pouco ou nada tem a ver com a realidade concretamente vivida em sociedade (...) São textos que mascaram o real (...) comprometidos com a ideologia da reprodução e alienação. Geram afastamento do leitor; porque não é próprio do homem interagir com a mentira, a menos que o ambiente esteja carregado de autoritarismo e opressão (...) evasão, repetição e discriminação, suponha-se que sua origem esteja na falta de percepção crítica das diferenças entre opressor e oprimido” (Silva, 1998, p. 105).

Dá para sentir o peso dessas palavras; se percebe que, anos após anos, a escola tem servido para a perpetuação da má qualidade do ensino na educação básica e a manutenção do cidadão que alcança, no máximo, o nível do analfabetismo funcional. Mais do que nunca, se faz necessário mudar os detalhes pragmáticos da educação, em especial, no Brasil. Faz-se necessário repensar as metodologias usadas para o ensino da Literatura, tornando-a independente da disciplina de Língua Portuguesa, porque as consequências aí estão, uma massa de indivíduos acríticos, subjugados, à mercê das culturas tendenciosas e exploradoras vinculadas através da Internet e da televisão.

Por esse mesmo viés, esse mesmo autor, ainda em 1994, já havia chamado atenção para necessidade de trazer a leitura para a sala de aula. Na época, ele fez a seguinte declaração: “A leitura, enquanto um elemento fundamental do processo de ensino é também, sem dúvida, um poderoso meio para a compreensão da realidade. (...) Muitos leitores escolarizados que regridem ao estágio de semianalfabetismo ou analfabetismo é por falta da prática frequente de leitura.” (SILVA, 1994, pp. 83 e 84).

Sendo assim, não é novidade que alunos cheguem ao 8º e 9º anos com nível de leitura equiparado aos alunos do 4º e 5º anos [*quando muito*]. Tudo isso devido ao engessamento do processo de leitura nos anos anteriores. A experiência permite dizer que, apesar do aumento para 12 (anos) do tempo para conclusão do ensino fundamental, isso não está demonstrando garantia de que os alunos cheguem aos anos mais adiantados com um nível de conhecimento equivalente à sua idade e série/ano. Boa parte dos alunos que chegam ao Ensino Médio demonstra resistência contra a prática de leitura. Percebe-se que

a oferta de um texto mais longo para ser lido gera apatia e descaso. Para alguns deles, ofertar-lhes um texto, que no entender deles é muito extenso, a reação equivale a uma bofetada. É tão imediata a reação que a folha (livro) fica sobre a mesa e os alunos começam a brincar e a falar alto.

Para se trabalhar a leitura em sala de aula, se faz necessário levar em consideração a idade, o interesse e o nível de conhecimento que esse aluno traz das séries/anos anteriores. Há situações em que o aluno, ao ser encaminhado para a biblioteca, mesmo estando com treze e/ou catorze anos, ele se dirija aos livros finos, coloridos e com pouco texto. Assim que, não adianta querer que eles demonstrem capacidade e autonomia para ler livros grossos, preto e branco, da literatura clássica, quando chegam ao Ensino Médio. Pela lógica, esses alunos deveriam chegar ao 8º e 9º anos sendo capaz de ler pelo menos cem páginas em dois, três dias. Mas, essa não é a realidade; portanto, é preciso iniciar o incentivo ao ato de ler, a partir da realidade e capacidade leitora do aluno.

Faz-se importante ressignificar a presença da literatura dentro do contexto escolar, dando a ela a abordagem transdisciplinar, intra e interdisciplinar que lhe faz jus; pois, ela é essencial para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social do aluno. O texto literário, é especial, porque vem carregado de linguagem poética, que tem um poder muito significativo no combate aos efeitos alienantes causados pelos meios de comunicação de massa.

Nesse caso, que o cidadão não gosta de ler é um fato conhecido, divulgado e sentido pelos escritores que tentam sobreviver de suas obras. O que pouco se divulga é a razão por que isso acontece, que é o ensino antipedagógico da leitura que se verifica na rotina escolar, todos os dias. E, hoje, com o acesso contínuo à linguagem pobre das redes sociais, essa situação de abandono da leitura de textos significativos assume proporções ainda mais devastadoras. O pensamento do aluno está tão ocupado com informações supérfluas, que não há mais espaço para se adquirir os conhecimentos significativos.

ACERCA DA TRANSVERSALIDADE, INTRA E INTERDISCIPLINARIDADE

Considerando tudo o que foi dito e citado, anteriormente, em relação aos livros elencados, por serem literários, os textos trazem em seu enredo os princípios de transversalidade, intra e interdisciplinaridade. Mas, o que é transversalidade? Tomando a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) como ponto de partida, a ideia é que a transversalidade engloba os Temas Contemporâneos Transversais. Assim,

Os temas contemporâneos transversais (TCTS) têm a condição de explicitar a ligação entre os diferentes componentes curriculares de forma integrada, bem como de fazer sua conexão com situações vivenciadas pelos estudantes em suas realidades, contribuindo para trazer contexto e contemporaneidade aos objetos do conhecimento descritos na base nacional comum curricular (Brasil, 2017).

Simplificando o exposto pela texto da BNCC (2017), a transversalidade está entre as áreas do conhecimento, considerando o seguinte esquema:

Figura 1: representação figurativa dos temas contemporâneos transversais na BNCC



Fonte: BRASIL. MEC-SEF, 2017.

A transversalidade vai além dos conteúdos e disciplinas estudadas nas escolas. Literalmente, o esquema dos TCT's, engloba todas as ligações inerentes à vida em sociedade, saúde, civismo, economia, meio ambiente, tecnologia, multiculturalismo. É a vida do cidadão abordada nos diferentes aspectos.

Mas, o que é a interdisciplinaridade? Ela acontece quando há interação entre os conteúdos das disciplinas da mesma área de conhecimento. Exemplo: Quando em uma atividade se trabalha com assuntos das disciplinas da Área de Ciências da Natureza - Física, Biologia e Química.

Na extensão, o que é a interdisciplinaridade? Quando em uma atividade há interação entre as diferentes disciplinas, das diferentes áreas do conhecimento. Ex. Quando os conhecimentos da História, Geografia, Biologia servem de contexto para um conto, que é um texto literário, produzido em Língua Portuguesa.

Há de se considerar que o ato de existir e sobreviver nesse planeta não se limita apenas a conteúdos didáticos inseridos nos livros didáticos que são adotados nas escolas. Um ser vivo assim se mantém porque traz dentro dele as correntes elétricas, os elementos químicos, que pode ser alimentado por carne, frutas, folhas, leite que são produtos que trazem os mesmos compostos desse ser. Um humano,

por exemplo, é onívoro, pois se alimenta de carne e vegetais e ovos. O felino é carnívoro. O bovino é herbívoro. No final todos os alimentos vêm da terra, da água e do ar. Todos compostos por minerais, que na natureza vêm em estado líquido, gasoso e sólido. Convém lembrar que, quando um mineral se solidifica dentro do corpo humano, exemplo, aí gera problema de saúde: cálculos renais, na vesícula, que são semelhantes às pedrinhas que compõe a terra.

Nesse caso, como o texto literário se encaixa dentro desses princípios transversais, intradisciplinar e interdisciplinar? Dentro dos livros enumerados acima, encontramos seres humanos, que vivem em diferentes ambientes, que lidam com a economia, que tem costumes e valores, que se alimentam, enfrentam os terrores da guerra, que lidam com a tecnologia, na fabricação do açúcar, das armas de fogo, abordam e despertam sentimentos, trazem multiculturalismo, a diversidade, abordam temas sobre a saúde, enfim, livros que têm o ser humano como personagem, abre o leque para os professores e os alunos explorarem diferentes temas que abarcam as diferentes áreas do conhecimento.

De acordo com Silva (1994, p. 85), “numa sociedade marcada pela mecanização e controle das consciências que resultam em massificação e alienação dos homens, o livro e a leitura, enquanto instrumento de conhecimento e crítica, significam uma possibilidade de luta contra o status quo, permite uma antevisão de uma nova sociedade.” No entanto, para que isso aconteça, de acordo com esse autor se faz necessário que haja professores competentes, que sintam eles próprios o prazer da leitura; acesso ao livro, que coloquem à disposição dos alunos uma variedade de materiais escritos; coerência nas propostas de ensino, formar leitores competentes depende de um trabalho pedagógico bem fundamentado e bem conduzido intra e interdisciplinarmente, através da leitura de diferentes tipos de textos. E, para completar a exigências do autor, na atualidade pode-se exigir o acréscimo dos TCTs, nos planos e programas destinados ao ensino.

AS METODOLOGIAS ATIVAS

Para que o texto literário tenha lugar de destaque nas salas do 8º e 9º anos, se faz necessário que ele receba um tratamento metodológico para além das questões que são respondidas ao final do texto. Para isso, é preciso adotar metodologias que possam dinamizar e transformar o ato de ler em momentos de desafios e prazer. Essas metodologias são chamadas de metodologias ativas. E, como essas podem contribuir para o sucesso da inserção da literatura nos planos de ensino considerando-se os TCT's? Para que se tenha uma resposta para essa questão, é necessário entender o são e quais são as metodologias ativas.



Para Silva, Biegging e Busarello (2017), “essas metodologias utilizam-se da problematização como meta para motivar o aprendiz a desenvolver reflexões de ideias mediante ao problema apresentado, relacionando sua história e passando a ressignificar as suas descobertas para aplicá-lo na prática. Frente à problematização, o aprendiz reflete sobre a informação produzindo o conhecimento com o objetivo de solucionar as dúvidas e inquietações referentes aos problemas, promovendo, assim, o seu próprio desenvolvimento a partir da construção e reconstrução do saber” (p. 14).

Ressignificar e problematizar o texto literário significa tirá-lo das posturas livrescas e elegê-lo como matéria para ser explorada e expandida em diversos sentidos sociológico, antropológico, filosófico, linguístico, histórico, geográfico, biológico, matemático, físico, químico e artístico. Através do texto literário pode-se discutir cidadania, política, saúde, tecnologia, meio ambiente e multiculturalismo, pois por traz da linguagem figurada são essas informações que servem de contexto para a literatura. Transformar o texto literário em uma fonte inesgotável de saberes e conhecimentos. Fazer com o aluno vá além do óbvio e seja capaz de mergulhar em seus próprios dilemas através das experiências vividas pelo protagonista de um conto, por exemplo. Romper com a fragmentação dos conteúdos e criar focos fundamentados no conhecimento como uma unidade que se estende pelas diversas áreas de conhecimento, mas que cada uma delas cumpre um papel essencial para manter o caráter transdisciplinar e multidisciplinar do conhecimento.

As metodologias, que são utilizadas em sala de aula, precisam contemplar a extensa dimensão cultural contida do texto literário. Pois, ele representa um verdadeiro caleidoscópio, uma vez que, permite ver mundo em todas em suas dimensões interna e externa. Nele encontramos as pequenas luzes no final do túnel, as texturas azuis, os espelhos que refletem as essências do existir, sabores e aromas do passado, as formas icônicas da magia, os estados da matéria orgânica e inorgânica, o meio ambiente e todos os seus encantos e desafios, a natureza interna e externa do Homem. Pois, trazem sentimentos de amor, ternura, solidariedade, empatia, assim como, ódio, revolta, raiva, tristeza, medo, terror, horror que fazem parte do mundo interior. Registram costumes, tradições, a fé, comportamentos, conhecimentos empíricos. Além, trazem um mundo de rimas, magia, ritmo, encanto, fantasia, sons, imagens, que entram pelos olhos e acionam a maior habilidade que o leitor tem, a imaginação criadora. Tudo isso, pode ser vivido enquanto os olhos percorrem as palavras, linhas os parágrafos e páginas; versos, estrofes e poesias que se encontram dentro de um livro.

Deixa bem evidente que não se deve utilizar nenhuma adaptação, com o discurso repugnante de que isto permite a criatividade do aluno, ajudando-o a formar imagens sobre o enredo. O que se quer é que ele próprio crie e recrie os personagens, as imagens e as situações de acordo com o que melhor lhe aprouver e em sintonia com seu nível de conhecimento e capacidade imagética. Vale lembrar que, através da leitura do livro original, o leitor usa seus conhecimentos prévios, seus sentimentos e opiniões para usufruir, sentir e opinar sobre temas polêmicos, quando houver. Dentro do livro, enquanto o ler assume vários papéis, o de recriador da história, o aventureiro, ama e sofre junto com os protagonistas.

A esse respeito, considera-se a observação que Rosalexia Guerra (1989) faz a respeito do livro e da Literatura: “Creio que o começo está no contato com o livro e a literatura. Uma literatura que nos conduza a pronunciar a própria palavra, a nossa. A palavra significativa que seja capaz de provocar desde o desfrute de sua leitura através do contato, a introspecção; a criação de uma palavra que nos expresse, nos diga, nos manifeste perante o mundo. Converte essa aula em uma convocatória à palavra, em laboratório para vivenciar e pronunciar a vida” (Guerra *apud* Sastrías, 1989, s.p.).

Isto mostra a importância do livro e do texto literário no cotidiano das escolas. A leitura em si é uma fonte inesgotável de conhecimento; por isto, ele deve ocupar o primeiro lugar na vida afetiva dos alunos. Quando o livro vem primeiro que o brinquedo e o celular garante a formação necessária e crítica de modo que ele consiga usar o celular e outros meios de comunicação de maneira consciente e pragmática. Em momento nenhum os meios de comunicação de massa, convocam o ouvinte/telespectador a dizer a sua palavra.

Palavra essa que serve para estabelecer vivências pacíficas e respeitadas, de modo que coloque a vida em evidência. Todo o sistema político se aproveita dessa situação, enquanto os eleitores estão vazios, devido ao constante contato com redes sociais e à má formação nas escolas básicas, para se utilizar da máquina pública e mantê-los ainda mais alienados e sem voz. Assim, esvaziados de sentido e estimulados pelo espírito da competição, fundamentado na lei e não na lei do mais inteligente, embriagam, exploram, manipulam, agridem e banalizam a vida a ponto de causar a destruição.

A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E A LITERATURA

É inegável que os avanços tecnológicos trouxeram muitos benefícios para a humanidade. Em todas as



áreas, ela está presente, na saúde, segurança, agricultura, pesquisa e na educação. No entanto, há situações em que o acesso aos meios tecnológicos, como é o caso do celular, não garante aprendizagem significativa para crianças, adolescentes e jovens, em especial àqueles de baixa renda. O fato de seus pais precisarem sair para trabalhar para trazer o sustento, faz com que crianças e adolescentes acessem os conteúdos da rede indiscriminadamente sem a inspeção de um adulto. Ao ficarem vulneráveis, esses acabam sendo recrutados e influenciados, por indivíduos mal-intencionados, a jogar, acessar sites indevidos e, até a cometer infrações, no mundo virtual. Tudo isso não garante aquisição de informações que contribuem com a formação do equilíbrio emocional, a aquisição de valores que embasam os princípios da convivência pacífica como respeito, empatia e solidariedade e nem ao desenvolvimento cognitivo.

A Internet é um mundo sem leis. Todos querem cinco minutos de fama, não importando com o que tenham que fazer para alcançar este objetivo. Assim, a rede que oferece a oportunidade de realizar pesquisas, anunciar produtos úteis, alimentos saudáveis, de realizar prestação de serviço, ouvir música, assistir a vídeos interessantes, encurtar as distâncias através de vídeo chamada, que ajuda a cursar uma faculdade na modalidade EaD, participar de congressos, expor opinião sobre determinado assunto, transferir conhecimentos é a mesma rede que prostitui, corrompe, manipula, explora, pois motiva o consumismo e o descarte desenfreado, estimulando jogos de azar e ao consumo de alimentos ultraprocessados, o culto ao corpo perfeito e às práticas de *cyberbullying*, que alimenta os casos de discriminação e banaliza a vida, pois impera a sensação de impunidade.

Nesse contexto, crianças, adolescentes e jovens ficam mais vulneráveis e, esse acesso sem filtro acabam prejudicando o desenvolvimento cognitivo e socioemocional. Nesse contexto, mesmo que a competição seja injusta, a literatura pode fazer uma grande diferença. Para isso, se faz necessário que ela chegue até o seu destino no suporte mais antigo, sem as purpurinas oferecidas pela rede; deve chegar até o estudante através do livro físico. A esse respeito, Charmeux (1994) faz a seguinte colocação: “Mesmo havendo outras formas de acesso ao patrimônio cultural, graças às técnicas audiovisuais, ler continua sendo a ferramenta que privilégio de enriquecimento pessoal, pela manejabilidade e pela presença constantemente disponível dos objetos em que ela se faz presente, um objeto de degustação e de prazer incomparável” (Charmeux, 1994, p. 1994).

Alguém pode afirmar que é fácil manusear o celular, tê-lo na palma da mão, e, de fácil acesso. Mas, convém lembrar que, desde a sua invenção ele não é

o suporte mais adequado para se realizar a leitura, pois ainda não se tem garantia de apropriação do conhecimento por parte de seus usuários. Isto porque há muita informação (propagandas, notícias, vídeos, filmes...) disponível e, se o indivíduo não tiver maturidade e foco no assunto e no objetivo que ele precisa alcançar quando ele se propôs a fazer a pesquisa, ele acaba se perdendo e, a leitura pode ser deixada de lado.

A possibilidade de se assistir aos filmes, vídeos, ler livros ou ouvi-los em áudio no celular, pode ser viável devido à facilidade e a diversidade que há vinculado a ele e seu acesso à Internet. No entanto, devido as muitas funções que o celular possui, como receber chamadas, mensagens escritas, isso interrompe o raciocínio de quem está lendo, assistindo a um filme, lendo ou escutando livros em áudio, fazendo com que mais uma vez, o indivíduo que está ali, diante da tela, perca o foco e a linha que conduz o enredo do texto.

Outro perigo de se usar o celular é a presença de jogos on-line, a tendência do cérebro humano *que é limitado por natureza, sempre buscando o mínimo esforço*, que conspira contra ele próprio, para que ele não se canse enquanto o texto está sendo lido, ele seduz o indivíduo para jogar, considerando tal ação como uma distração. Assim, jogar se torna mais divertido do que ler, pois muitas vezes, o cérebro é alimentado mais vezes com doses fortes de adrenalina, isso faz com ele não se canse. Poucos minutos em jogos podem entreter, desafiar, fazer pensar estratégias para vencer os obstáculos, mas, é bem claro que não promove o aprendizado mais profundo e duradouro e, isto pode ser comprovado quando em sala de aula o fracasso se torna o fim último do desenvolvimento pedagógico.

Enquanto o cérebro descansado se acomoda, mesmo que ele receba muitas informações, na maioria das vezes, inúteis, através de redes sociais e jogos on-line, essas vão ocupar espaços em sua capacidade cognitiva. Esses espaços são os mesmos utilizados para aprender os conhecimentos significativos. Então, é muito comum, ter alunos em sala de aula que apresentam uma fisionomia de quem está cansado. Um aluno cansado não consegue raciocinar direito, apresentando completo desinteresse e apatia pelo conteúdo que recebe em sala de aula. Se esse conteúdo trabalhado através dos métodos tradicionais, que o mantém sentado, calado e ouvindo o professor, essa situação tende a piorar mais um pouco. Isto porque, não é só o cérebro que está cheio de informações inúteis; esse aluno, para vencer os desafios dos jogos, muitas vezes, vai dormir muito tarde, não se alimenta direito e não faz exercícios físicos. Essa é a receita que está ajudando ainda mais a acentuar a deterioração do pensamento e, como resultado esperado, o fracasso escolar.



Os conteúdos inúteis não ajudam a estimular as sinapses, não aciona os conhecimentos prévios e memórias afetivas de modo que o indivíduo possa fazer inferências valiosas durante o jogo; não fornece conhecimentos significativos que servem de base para o desenvolvimento cognitivo do jogador. Enquanto joga, perde-se o tempo mais precioso e propício para o aprendizado.

Essa etapa da vida, não volta mais e, o adulto resultante de todo esse processo, vem despreparado para encarar os obstáculos da vida. E, pelo fato de ter tido o seu processo de aprendizagem comprometido durante sua infância e adolescência corre o risco de ficar a mercê do subemprego, amarrado em um círculo vicioso do qual ele nem tem consciência.

Além disso, não há garantias de que aquelas matérias que circulam nas redes sejam autênticas, tenham valores científicos comprovados e, se o cidadão não tiver senso crítico para filtrar a enxurrada de informações, ele corre o risco de tomar aquilo que está escrito, como verdade absoluta. Isso compromete o futuro da literatura e da ciência. Portanto, indo direto a fonte, o livro literário, com a possibilidade de manuseá-lo para ler, pode se dizer que ainda é a maneira mais segura de se garantir a formação integral do indivíduo. Nesta mesma linha de pensamento, a escola está garantindo a formação de literatos e cientistas.

Por este motivo, o texto literário pode ser trabalhado através da recriação, paródia, paráfrase, júri simulado, encenações, ilustrações, fotonovela, curta metragem, declamações, concursos de contação de histórias, show de calouros, criação de vídeos com declamações, ou seja, através de oficinas de leitura e produção de textos. É preciso usar metodologias que consigam incentivar o aluno a ter vontade de se envolver nas atividades escolares e aprender.

O texto literário desperta memórias afetivas, ajuda a formar opinião, melhora o desenvolvimento socioafetivo e cognitivo, permite reflexões, melhora a autoestima, permite o autoconhecimento, promove a autoeducação constante e, por isso, proporciona a formação crítica do cidadão. Além disso, a leitura literária ajuda a preencher o vazio que é inerente a todo ser humano. Esse vazio que tem sede e fome de cultura e que, ao ser preenchido, estrutura as mazelas internas e fortalece o comportamento humanizado, baseado nos sentimentos de empatia e respeito.

Aqui concorda-se com Pavisic (1989), quando ela argumenta que, “uma criança leitora tem abertas as portas para a essência do homem; através da palavra e por elas acessa à história, à cultura, ao conhecimento, à verdade, aos sonhos y esperança daqueles que são seus semelhantes. Dessa maneira se identifica como humano, adentrando-se em sua própria humanização” (PAVISIC, 1989, p. 67).

Essa colocação chama a atenção para a necessidade que o ser humano tem de ter contato com outros seres humanos para se identificar como humano. Então, se a sociedade necessita de indivíduos que saibam respeitar as regras de convivência em grupos, baseadas no respeito mútuo, se faz necessário que desde a mais tenra idade, a criança viva em ambientes nos quais esses valores sejam cultivados. Nesse caso, como uma criança saberá o que é certo ou errado, por exemplo, se dentro dos jogos on-line, ela precisa vencer um inimigo, que é seu semelhante, para ter êxito na missão?

Caso não ao seu redor pais, professores, pastores, padres, que lhe mostrem que aquele comportamento não se aplica à realidade, essa situação pode gerar uma legião de adolescentes e jovens que não sentem temor se tiver que eliminar o inimigo para alcançar um objetivo. Essa situação já está vindo à tona, quando professores, em sala de aula, são ameaçados por causa do celular, quando jovens e adolescentes se armam para atacar creches e escolas. Sem contar que muitos adolescentes e jovens sofrem de depressão, que pode levar à automutilação e ao autoextermínio. Não há como dizer que o acesso aos recursos tecnológicos como o celular, tablet e computador pode garantir o desenvolvimento cognitivo e emocional do indivíduo, se os casos de violência são visíveis em todas as camadas da sociedade, em países pobres e em países ricos.

Quando se permite que a maioria dos cidadãos não tenha acesso à Arte, em especial à Literatura, nem através do sistema de ensino, isso significa que o sistema não têm a intenção de preparar cidadãos para questionar as condições de injustiça e exploração às quais são submetidos, gerações após gerações. Nesse mesmo viés, testemunha-se, que nem todos os filhos de famílias abastadas vêm para a sociedade preparados para a convivência respeitosa. Muitos deles, mesmo com a oportunidade de ter acesso à Arte Literária, também não estão aproveitando, pois estão sendo consumidos pelos vícios dos jogos, se viciam no álcool, nas drogas e, a violência, assim, termina sendo normalizada.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi procurar entender como a leitura dos textos da literatura universal, especialmente a clássica, pode contribuir para a melhoria do desenvolvimento cognitivo de alunos do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II, que vem fazendo uso indiscriminado da tecnologia.

Constatou-se que é possível trabalhar com a leitura de textos da literatura universal utilizando-se dos princípios transdisciplinar, intra e interdisciplinar através das metodologias ativas. Uma vez que a



literatura é a Arte expressa através da palavra, a leitura de textos literários ajuda no enriquecimento do vocabulário e permite o contato com uma gama de conhecimentos sobre o mundo interior e o mundo exterior.

O texto literário traz a cosmo visão do mundo externo. Por trás da linguagem conotativa do texto literário estão as áreas do conhecimento, que lhe servem de contextualização, dando ele os princípios da transversalidade, inter e interdisciplinaridade. Além disso, ele permite ao leitor acessar e sentir o seu mundo interior, quando através da leitura, experimenta sentimentos como amor, empatia, solidariedade, raiva, medo, revolta, permitindo que se desenvolva um processo de autoconhecimento constante.

Até então, constatou-se que a leitura de textos literários ajuda a minimizar a deterioração do pensamento, no entanto, por ser uma pesquisa bibliográfica, se faz necessário que ele seja investigado através de estudos experimentais e comparativos. Pode se dizer, que ninguém está livre dos efeitos negativos causados pelo mal uso da tecnologia de comunicação. Caso a Literatura não seja colocada em evidência com recurso para a formação humana, o processo de desumanização acirrará cada vez mais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, imensamente, aos professores e demais profissionais que contribuíram, de maneira direta e indireta, para que este trabalho fosse produzido.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** apresentação dos temas transversais, ética Brasília: MEC-SEF, 1997a.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2020.

GUERRA, Rosalexia in SASTRÍAS, Marta (Org.). **Caminos a la lectura.** El qué y cómo para que lo niños lean. Editorial Pax México. Cidade do México – 1989.

MIKULINSKIY, S. P. **Ciencia, Historia de la Ciencia, Cienciología.** *Recopilación de artículos.* La Habana: Editorial Academia, 1985.

PAVISIC, Janny Pavisic in SASTRÍAS, Marta (Org.). **Caminos a la lectura.** El qué y cómo para que lo niños lean. Editorial Pax México. Cidade do México – 1989.

SILVA, Andreza Regina Lopes da; BIEGING, Patrícia; BUSARELLO, Raul Inácio (Orgs.). **Metodologia ativa na educação.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2017.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos de Pedagogia da Leitura.** A presença e o lugar da leitura na escola. Livraria Martins Fontes Editora LTDA. São Paulo 1994.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca.** 2. Ed. Campinas: Editora Papirus, 1998.

WHITTEMORE, R.; NAFL, K. **The integrative review:** updated methodology. Portland: Leading Global Nursing Research, 2005.